

## A EDUCAÇÃO DE SURDOS E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE SURDA

Emmanuella Faissalla Araujo da Silva<sup>1</sup>

Vanuza Rocha da Silva<sup>2</sup>

Anna Carolyne Queiroz Alves<sup>3</sup>

José Thiago Ferreira Belo<sup>4</sup>

### RESUMO

A história da educação durante o desenvolvimento da Humanidade tem forte influência no ensino de pessoas surdas, as quais repercutem em alguns ensinamentos até os dias atuais, como veremos nesta pesquisa. Com isso, a própria história apresenta que a questão da surdez foi objeto de curiosidade por parte de filósofos da Antiguidade, perpassando as pesquisas na Idade Média até alcançar os avanços científicos e tecnológicos da modernidade, além de compreender as lições na contemporaneidade. Hodiernamente, a surdez se divide em dois aspectos relevantes para o estudo acadêmico: clínico e o socioantropológico. Amparado nisso, a presente análise se propõe a refletir sobre o surgimento da conscientização de comunidade, quanto ao seu reconhecimento como identidade, possuindo cultura própria, com suporte advindo no contexto educacional. O anseio pela resposta sobre a influência da educação na construção de uma identidade surda surge com o escopo de refletir em que momento a comunidade surda assume essa individualidade e adquire uma identificação própria dissociada da identidade ouvinte. Em virtude disso, propõe-se em responder em que medida a abordagem educacional bilíngue influenciou para a construção de uma identidade surda. Para tanto, a metodologia a ser usada estará embasada em pesquisa de cunho bibliográfica que apresentará um breve ensaio sobre a construção histórica da educação de surdos, com ênfase nas filosofias do Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. Diante disso, o respaldo metodológico dará destaque para obras de pesquisadores consagrados nos estudos surdos. Dessa forma, propõe inferir que tais abordagens influenciaram de alguma maneira a educação dos surdos bem como a última modalidade (bilíngue) tem contribuído para a construção de uma identidade surda.

**Palavras-chave:** Surdos, Educação, História, Identidade e Bilinguismo.

### INTRODUÇÃO

A identidade surda se representa de várias maneiras em virtude das muitas modalidades e culturas em que o indivíduo surdo está inserido. Antes das divisões de identidade é primordial entender a surdez por duas perspectivas diferentes: clínica e a concepção socioantropológica. Na primeira, caracteriza o sujeito como uma pessoa portadora de deficiência, analisando-o a partir do contexto da ausência de audição, da falta e com isso o

---

<sup>1</sup> - Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande- UFGC, emmanuellafaissalla@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> - Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande- UFGC, silvarochavanuza@gmail.com;

<sup>3</sup> - Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande- UFGC, anna.carolyne@estudante.ufcg.edu.br;

<sup>4</sup> - Professor orientador: mestre, da Universidade Federal de Campina Grande- UFGC, tiagojfbelo@gmail.com.

denomina como Deficiente Auditivo –D.A., nessa perspectiva, a educação para surdos é vista com característica terapêutica e com foco na reabilitação.

Diante do ponto de vista da concepção socioantropológica, temos na pessoa com surdez o destaque para os aspectos das diferenças e não da ausência, interpretando a forma de comunicação da língua de sinais se mostra como a única diferença relevante entre os surdos e os ouvintes. Nesse entendimento a surdez é interpretada como uma diferença cultural. Perante isso, nessa percepção as pessoas privadas de audição são reconhecidamente como surdos com cultura e identidade própria usando como ênfase os aspectos visuais.

Mediante o contexto histórico referente aos ensinamentos destinados para pessoas com surdez constata que esse fator é elemento fundamental na construção da identidade surda. Em virtude disso, a pesquisa se apresenta com o objetivo de responder a questão de pesquisa e, posteriormente, apresentar a influência que a educação ocasionou frente a construção de uma identidade surda.

Nesse cenário, cumpre destacar em que medida a formação educacional de pessoas com privação auditiva influenciou na concepção de uma identidade surda, sendo a língua de sinais uma das referências mais significativas de reconhecimento linguístico para os surdos. Com isso, a análise proporcionará a reflexão de três abordagens de ensino que focaliza o sujeito surdo como o seu principal receptor da instrução.

Ao longo do tempo, a língua de sinais teria sido associada aos surdos como sua principal forma de comunicação e, antes de 1880, percebia, por meio dos relatos históricos, que havia uma evolução bastante expressiva na difusão do ensino. Ocorre que após a realização do Congresso de Milão, em 1880, foi imposta a proibição do uso da língua gestual como forma de comunicação e alfabetização de surdos. Assim, iniciava a primeira abordagem de ensino para surdos conhecida como oralismo puro.

Em sequência, iniciou-se outra filosofia de ensino em que não excluía nem o oralismo e nem a língua de sinais, incluindo todas as formas de ensino, esse método ficou conhecido como Comunicação Total. O presente milênio foi agraciado com a repercussão linguística dos sinais, tornando o método anterior obsoleto e sem prestígio na comunidade surda. A partir da década de 90 do século passado inicia-se o debate nas academias e no âmbito da sociedade para a reintrodução da língua de sinais no ambiente escolar, surgindo o método bilíngue de ensino.

Após percorrer sobre a formação do ensino bilíngue será possível inferir a sua influência na construção de uma identidade surda, haja vista que, anterior a isso, os surdos não possuíam uma orientação acerca de sua identidade e cultura, atualmente definidas como

surda. Em razão dessa divisão, o estudo se apoia na literatura pátria como base bibliográfica buscando assimilar a evolução da língua de sinais associada a pedagogia e, conseqüentemente, refletindo na concepção de uma identidade surda.

Dessa forma, é possível inferir que a educação de surdo na modalidade bilíngue teve bastante influência na formação da identidade dos surdos visto que valorizou os aspectos visogestual que os surdos utilizam para a comunicação. Assim, o bilinguismo reafirmou a condição de surdos nas comunicações em que envolvem as expressões manuais, corporais e faciais que auxiliam na legitimação da autonomia dos surdos frente a independência ouvintista.

### **BREVE APONTAMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS: TRÊS FASES.**

Ao longo da construção da história da formação educacional de surdos possui como protagonista principal a discussão sobre a língua de sinais quanto ferramenta viável para o desenvolvimento educacional de tais indivíduos. Desde a Idade Antiga alguns filósofos apresentavam preocupações acerca dos desafios de instruções de sujeitos com surdez. Para Strobel (2009), Hipócrates, por exemplo, fazia uma associação da ausência de comunicação verbal com o desenvolvimento cognitivo de pessoas com surdez.

Ramos (2004, p. 01) reflete que “as Línguas de Sinais existiram desde que existe a língua oral humana, e sempre que existirem surdos reunidos por mais de duas gerações em comunidades”. Nesse cenário, Strobel (2009, p.17) explica que na região da Grécia pessoas que apresentassem surdez eram abandonadas ou mesmo condenadas a morte. Diversamente, a autora relata que no Egito e na Pérsia os surdos eram vistos como deuses, pois acreditavam que eles falavam em segredo com as divindades.

Nos estudos de Caldeira (2009, p. 259) “a Idade Antiga (ou Antigüidade) foi o período que se estendeu desde o desenvolvimento da escrita (4000 a.C. a 3500 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.)” tal período se estendeu até o início da Idade Média. A Idade Média é dividida por Strobel (2009) entre os anos 476 – 1453 d.C. e afirma que os “monges beneditinos, na Itália, empregavam uma forma de sinais para comunicar entre eles, a fim de não violar o rígido voto de silêncio” (2009, p.17).

Ao entrar na Idade Moderna muitos estudiosos contribuíram para a propagação da língua de sinais em vários países. Entre os mais influentes, Strobel (2009, p.19) destaca: Girolamo Cardano, O monge beneditino Pedro Ponce de Leon, Juan Pablo Bonel como precursores do método de comunicação com as mãos. Na contemporaneidade, segundo a

narrativa de Strobel ( 2009, p.22) se destacam com os métodos do bilinguismo o Abade Charles Michel de L'Épée sendo este responsável pela construção da primeira escola de surdos francesa.

Nos Estados Unidos da América a primeira escola para surdos foi inaugurada por Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), com a ajuda de Laurent Clerc. Consoante aos apontamentos da autora o Instituto Nacional de Educação de Surdos– INES, foi o primeiro instituto de ensino para surdos no Brasil (*idem*). Em razão de tais relatos é perceptível que a língua de sinais ganhava acentuados avanços em termos de disseminação em várias partes do mundo.

### **Oralismo**

Na cidade de Milão, em 1880, realizou-se um Congresso Internacional sobre o processo educacional para pessoas com surdez. Nesse momento foi instituída como a única forma de ensino educacional por meio do oralismo, sendo assim rejeitada e terminantemente proibida qualquer outra forma de cátedra para alunos com surdez. Assim, qualquer outra forma de pedagogia ou metodologia que envolvesse outro modelo diferente da abordagem oral era considerada como anticientífica.

O oralismo foi imposto como comunicação e uso no processo educacional mediante ao forte apelo dos ouvintes, em que rejeitavam a língua de sinais como língua e meio de comunicação entre pessoas privadas de audição. Diante disso, todos os ensinamentos que eram realizados a partir da língua de sinais receberam expressivas mudanças para adaptar ao uso da oralização.

Conforme notícia Strobel (2009, p.23), Alexander Graham Bell capitaneou a modalidade de ensino oralizante, pois o mesmo tinha pretensões de abrir uma escola para surdos para desenvolver a linguagem oral. Nesse Congresso, os surdos foram impedidos de participar e com isso prevaleceu o método de ensino mais conveniente para os ouvintes daquela época, que era igualá-los ao grupo majoritário: ouvintismo. Sobre esse episódio, Strobel (2009, p. 26) esclarece que naquele momento da votação a “assembléia geral realizada no congresso todos os professores surdos foram negados o direito de votar e excluídos, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 (cinco) participantes vindos dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro”.

Para Strobel, o oralismo puro é referenciado como um método que utiliza do recurso do “treinamento de fala, leitura labial, e outros, este recurso é usada dentro das metodologias orais, entre eles, o ‘verbotonal’, ‘oral modelo’ ‘materno reflexivo’, ‘perdoncini’ e entre

outros” (2008, p.14). Esse período perdurou por aproximadamente cem anos. Nesse espaço temporal a autora aduz que “mais ou menos cem anos, os surdos ficaram subjugados às práticas ouvintistas tendo que abandonar sua língua de sinais, a cultura e a sua identidade surda, se submetendo a uma ‘etnocêntrica ouvintista’” (STROBEL, 2008, p. 91).

Para Lacerda (1998), o método não proporcionava bons resultados no processo educacional, pois os surdos se apresentavam sempre muito atrasados em comparação com os ouvintes de mesma idade e mesma série. Diante do fracasso educacional com a abordagem do oralismo, muitos professores começaram a associar ao ensino outros mecanismos de ensinamentos.

### **Comunicação Total**

Perante a falta de sucesso do método do oralismo puro ocasionou que as escolas concedessem espaços para outras ferramentas “na década de 1960, começaram a surgir estudos sobre as línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas” (LACERDA, 1998, p. 6). Para Strobel, o surgimento da “Comunicação Total, na década de anos 60, trouxe o reconhecimento e valorização da língua de sinais que foi excluída por mais de 100 anos na educação dos surdos” (2003, p 23).

Em curtas palavras, podemos caracterizar o método de Comunicação Total como um mecanismo que utiliza de várias metodologias e de diversas ferramentas oportunizando tanto a oralização como também a língua de sinais, entre outras. Todavia essa abordagem não foi muito aceita, pois “impõe ao surdo a estrutura linguística da língua oral nacional, já que a transpõe para os sinais, abandonando a gramática característica da Língua de Sinais, língua primeira e natural do surdo” (GIANINI, 2012, p. 71).

### **Bilinguismo**

Com a falta de sucesso da Comunicação Total, que, em grande medida, valorizava a cultura ouvintista impondo aos surdos uma identidade ouvinte, a tal modalidade perdurou por pouco tempo e com a introdução da língua de sinais, novamente, no ambiente escolar teve seu declínio pouco depois do seu ingresso. Em seguida, iniciam-se pesquisas na área da linguística a qual busca uma inserção da língua de sinais como a única viável para a transmissão de conhecimento na esfera educacional, surgindo assim o método bilinguismo de instrução de surdos.

Esse método – bilinguismo valoriza os aspectos visuais da comunicação e como os surdos são indivíduos com experiências visuais isso possibilita a transmissão de informações e comunicações por meio das expressões manuais, corporais e faciais. O bilinguismo

introduzido para o ensino dos surdos se torna mais eficaz em comparação com os dois modelos anteriormente estudado. Lacerda (1998) pontua que nesse método de ensino se contrapõe ao

modelo oralista porque considera o canal visogestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; por isso advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se "misture" uma com a outra. Nesse modelo, o que se propõe é que sejam ensinadas duas línguas, a língua de sinais e, secundariamente, a língua do grupo ouvinte majoritário. A língua de sinais é considerada a mais adaptada à pessoa surda, por contar com a integridade do canal visogestual (LACERDA, 1998, p. 8).

Após as pesquisas revolucionárias de Stoke (1960), que surgiram no sentido de demonstrar as semelhanças da língua de sinais com as línguas orais em relação a sua estrutura gramatical, impulsionou para a compreensão da língua de sinais com as mesmas exigências e regras das línguas orais. Mas foi a partir do final do último milênio que grupos se organizavam para o reconhecimento da língua de sinais como uma língua própria da identidade e cultura surda.

Quanto o uso da língua de sinais como ferramenta de ensino educacional, aqui no Brasil, após o reconhecimento da língua de sinais como a língua oficial dos surdos, Strobel menciona que por somarem as línguas no processo educacional de ensino para surdos: Língua Brasileira de Sinais –Libras juntamente com a Língua Portuguesa, proporciona a travessia da “fronteira lingüística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela dentro de uma perspectiva sócio-antropológica” (STROBEL, 2008, p.18).

## **AS MODALIDADES DA IDENTIDADE SURDA**

Os artefatos culturais são mecanismos utilizados pela comunidade surda com o fim de estabelecer a sua identidade e se apropriar de sua cultura linguística e visual num mundo majoritariamente de ouvintes. Karin Strobel, conceitua os artefatos culturais como as “peculiaridades da cultura surda” (STROBEL, 2016, p. 37).

A autora explica que o senso comum utiliza a nomenclatura “artefatos” para se referir as manufaturas ou objetos artesanais produzidos dentro de uma determinada cultura, em que tais objetos seriam a representação de um determinado povo por meio de peças manuais. Para além de materiais palpáveis produzidas a partir de um contexto cultural os artefatos seriam a representação não só de objetos ou materiais tangíveis, mas, sobretudo, de elementos visuais que caracterizam a identidade de um povo. A autora ainda esclarece que seria uma reprodução

daquilo que apenas se vê ou que observa: tradições, comportamentos, vestuários, valores e costumes. Além disso, acrescenta a autora que

Segundo constatamos em diversos autores nos campos dos Estudos Culturais, o conceito “artefatos” não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Traço comum em todos os sujeitos humanos seria o fato de que somos todos artefatos culturais e, assim, os artefatos ilustram uma cultura. (STROBEL, 2016, p. 37).

Em conformidade aos apontamentos da autora, os artefatos poderiam ser vistos como a representação cultural de um povo. Esses artefatos culturais nos aspectos políticos são traduzidos dentro dos movimentos e das lutas advindas para a conquista de direitos destinados ao povo surdo. Os espaços dedicados para a articulação e desenvolvimento para a proposição de pautas e agendas políticas são costumeiramente realizadas nas associações dos surdos espalhadas por todo o Brasil.

Esses artefatos são representados nas identidades surdas e no uso da Libras, em virtude disso, entende-se por identidade as características de um determinado sujeito que o identifica como possuidor de tais particularidades. Assim, consoante aos dizeres de Silva (2019, p. 70) “identidade da pessoa está relacionada ao que a pessoa representa, exemplo disso: à pessoa ouvinte é identificada pela comunicação através da audição e da fala oralizada, enquanto o sujeito surdo é identificado pela comunicação por meio da Libras”.

Mediante isso, os ouvintes são identificados como tais, em razão de sua comunicação ser realizada por meio oral-auditivo. Já os surdos se diferenciam com identidade própria ao usar como meio de comunicação o canal gesto-visual, dessa forma, “a Língua dos Sinais (Libras) é um fator que define e reforça a identidade e a cultura surdas” (QUADROS e PERLIN, 2007, p.10).

Após anos de pesquisas, os cientistas em língua de sinais brasileira observaram que existem vários tipos de pessoas com surdez e que elas são classificadas em grupos conforme as identidades se apresentam. Diante de muitas formas de se reconhecer como pessoas surdas, as identidades são representadas por várias nuances que são influenciadas por fatores externos, como família, amigos, ambientes, etc., sendo as mais conhecidas 7 identidades:

#### •Identidade Políticas

Para Carvalho e Campello (2022), são identificados os surdos com identidade política aqueles sujeitos gestos-visuais que se reconhecem como surdos, possuem orgulho de pertencer a uma comunidade sinalizante e praticam a cultura surda, exemplificando abaixo:

- Apresentam experiência visual que produz formas de comportamento, cultura, língua, etc.
- Trazem consigo a língua de sinais. Usam sinais sempre, pois é sua forma de expressão;
- Aceitam-se como surdos, assumindo um compromisso de pessoas surdas. etc. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 145).

As autoras ilustram que essa modalidade “Trata-se de uma identidade fortemente marcada pela política surda. São mais presentes em surdos que pertencem a comunidade surda e apresentam características culturais” (*idem*).

#### •Identidade surdas híbridas

A identidade híbrida é reconhecida nos sujeitos que nasceram ouvintes, mas por circunstâncias adversas perderam a audição. Carvalho e Campello (2022, p. 145) relembram que “os surdos que nasceram ouvintes, mas com o tempo ficaram surdos, ou por doença, ou devido algum acidente, entre outros fatores. Além do mais ilustram que:

- Dependendo da idade em que a surdez se manifestou, conhecem a estrutura do português falado e o envio ou a captação da mensagem vez ou outra é na forma da língua oral.
- Empregam língua oral ou língua de sinais para apreender mensagens.
- Adotam um comportamento de pessoas surdas, ex.: usam tecnologias para surdos.
- convive harmoniosamente com as identidades surdas. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 146).

Assim sendo, terão presentes “duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral” (*idem*). As autoras inferem que na identidade híbrida os indivíduos aprenderam, primeiramente, a comunicação na sua língua vernácula e com isso possui um conhecimento dos sons facilitando na leitura. Em suma, após a perda auditiva, introduz a língua de sinais como sua principal ferramenta de comunicação.

#### •Identidade surda de transição

A identidade surda de transição é notada quando uma pessoa surda se reconhece como sendo surda tardiamente, ou seja, passa muitos anos de sua vida se comportando e praticando a cultura ouvintista. Muitas vezes essa condição é imposta para os surdos quando nascem em lar com pais ouvintes que não possuem uma comunicação sinalizada. Mediante isso é possível inferir que:

- Vivem no momento de trânsito entre uma entidade a outra;
- Se a aquisição da cultura surda não se dá na infância, geralmente a maioria dos surdos carece passar por este momento de transição, porquanto grande parte deles são filhos de pais ouvintes;
- A partir do momento em que estes surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação altera-se e eles passam pela des-ouvintização, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte;
- Existe um caminho a ser trilhado da comunicação visual/oral para a comunicação visual/ sinalizada, etc. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 145).



Nesse aspecto as autoras esclarecem que “A convivência dos surdos com a comunidade surda é tardia, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural” (*id.*).

#### • **Identidade surda intermediária ou (incompleta)**

A identidade surda intermediária é reconhecida em pessoas que possuem baixo grau de perda auditiva. Sendo pessoas que muitas vezes possuem implantes ou que conseguem realizar a comunicação por outros meios diversos da experiência visual. Nesse sentido, advertem:

- Exibem alguma porcentagem de surdez, mas levam uma vida de ouvintes; • Para esta população são de importância os aparelhos de audição; • Estes sujeitos surdos apresentam dificuldade de encontrar sua identidade considerando e que não é surdo nem ouvinte etc. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 146).

Carvalho e Campello (2022, p. 146) elucidam que, frequentemente, a identidade intermediária é “identificada como sendo surda. Essa população tem outra identidade, uma vez que tem uma característica que não lhes permite a identidade surda, isto é a sua captação de mensagens não é totalmente na experiência visual que determina a identidade surda” (*id.*).

#### • **Identidade surda flutuante**

Os surdos com identidade flutuante não se reconhecem como surdos e não fazem uso das experiências e artefatos visuais da cultura surda. São pessoas que se enxergam como ouvintes fazendo uso da oralização e não se comunicam por meio da Libras. Se auto declaram como Deficiente Auditivos –D.A. Ademais, apresentam particularidades diferentes das identidades acima estudadas:

- Abraçam a representação da identidade ouvinte; • Estão em dependência no mundo dos ouvintes seguem os seus princípios, respeitamos, colocam-nos acima dos princípios da comunidade surda, às vezes concorrem com ouvintes, por que são induzidos no modelo da identidade ouvinte; • Evidenciam resistências a língua de sinais, cultura surda, visto que isto, para eles representam estereótipo; • São surdos, quer ouçam algum som, quer não ouçam, insistem em usar aparelhos auriculares, não usam tecnologias dos surdos, etc. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 146 e 147).

Consoante aos apontamentos de Carvalho e Campello (2022, p. 146 e 147) esses indivíduos “não têm contato com a comunidade surda. Ou surdos que viveram na inclusão ou que tiveram contato da surdez como preconceito ou desconhecimento social. São outra categoria de surdos, uma vez que não contarem com os benefícios da cultura Surda”.

#### • **Identidade surda embaçada**

Os surdos que apresentam a identidade surda embarçada não possuem um conhecimento sobre a língua sinalizada, bem como desconhecem também outras formas de comunicação. O uso da mimica é frequentemente usada para poderem se comunicar. Ainda, esclarecem que

- Os surdos não conseguem apreender a representação da identidade ouvinte. Nem consegue compreender a fala;
- O surdo não tem condições de usar língua de sinais, não foi lhe ensinada nem teve contato com a mesma;
- São sujeitos considerados incapacitados;
- Neste quesito, ouvintes determinam seus comportamentos, vida e aprendizados, etc. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 147).

Mediante isso, Carvalho e Campello (2022, p. 147) ponderam que “a identidade surda embarçada são outros tipos que podem se encontrar diante da representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural”.

### •Identidade surda de diáspora

Relevante mencionar que a língua de sinais não é universal e possui muitas variações regionais dentro de um mesmo país. Assim, os surdos enfrentam dificuldades e desafios ao migrar de uma região com uso de sinais regionalizados e passa a conviver com surdos de outra localidade em razão da variação linguística.

As identidades surdas de diáspora estão presentes entre os surdos que passam de um país a outro ou, até mesmo passam de um Estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo surdo a outro. Portanto, está identidade pode ser identificada como o surdo carioca, o surdo brasileiro, o surdo norte-americano. Trata-se de uma identidade bastante presente e marcada. (CARVALHO, CAMPELLO, 2022, p. 147).

Na identidade surda diáspora revela a independência e autonomia linguística que a língua de sinais possui frente as línguas orais e as outras línguas de sinais de outros países. Oportuno ressaltar, que assim como acontecem com as línguas orais de cada país que se diferenciam, assim, também, acontece com a língua de sinais de cada país, cada uma possuem os seus próprios sinais. Ocorre que há um movimento para a construção de uma língua de sinais internacional para que facilite a comunicação em contexto mundial, ainda em desenvolvimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência da educação sobre a construção de uma identidade surda é um tema que traz várias discussões em âmbito acadêmico, haja vista que a identidade, de fato considerada surda, está associada a língua de sinais e os comportamentos culturais advindas da língua não oral. Diante disso, o ensino bilíngue, como modalidade de ensino para surdos, repercute em uma autonomia e independência do espectro ouvintista.

Com a obrigatoriedade do oralismo puro percebe-se um momento de opressão para os surdos, em que ficaram subjugados a cultura ouvintista e suas opiniões eram desprezadas, não tendo voz para clamar por uma mudança educacional. Muitos cientistas do método do oralismo puro tinham nos surdos como pessoas com déficit cognitivo ou desenvolvimento cognitivo incompleto e, por isso, associavam a surdez como único motivo para os atrasos para aprender a ler e desenvolver a fala.

Muitos surdos, por medo de receber castigos se esforçavam para parecer ouvintes e adequavam seus comportamentos a cultura majoritária –ouvinte. Após quase cem anos de opressão, ressurgem os primeiros ensaios na reinserção da língua de sinais como a língua oficial para o ensinamento pedagógico dos surdos por meio do método Comunicação Total. Essa modalidade de ensino comportava todas as práticas educacionais podendo usar o oralismo como também a língua de sinais, um não anulava o outro, contudo, não logrou êxito metodológico.

No final do Século XX, a língua de sinais começou a ter força por meio dos movimentos sociais e isso oportunizou que outros seguimentos da sociedade pudessem conhecer e ter acesso a língua de sinais. Hoje, por força da Lei 10.436/2002, o método oficial de ensino é o bilinguismo que usa a língua de sinais (língua oficial da comunidade surda) para transmissão de ensino nas salas de aulas brasileiras para surdos sinalizantes.

Dessa forma, é possível inferir que a identidade surda se reconhece e se diferencia da identidade ouvinte a partir da língua de sinais, que se tornou a forma de apropriação de uma cultura legitimamente surda. A partir do momento que se reconhece a língua de sinais e usa ela para transmissão de ensino e conhecimento, no ambiente escolar, por meio do bilinguismo, tende a efetivar a autonomia e a independência surda da cultura majoritária ouvintista, empoderando os surdos através de seu próprio meio de comunicação e fortalecendo a identidade surda.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei n. 10.436/2002. Brasília, 24 abr. 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: dez. 2023.

CALDEIRA, F. M. **A Evolução Histórica, Filosófica e Teórica da Pena**. Revista da EMERJ, v. 12, nº 45, 2009. Disponível em: <<http://www.emerj.tjrj.jus.br>>. Acessado em agosto de 2023.

CARVALHO, V. F. CAMPELLO, A.R.S. "A EXISTÊNCIA DE QUATORZE (14) IDENTIDADES SURDAS." *Humanidades & Inovação* 9.14 (2022): 139-152.

GIANINI, E. **Professores surdos de Libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação**. 2012. 204 f. Tese (doutorado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte. Disponível em: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14413/1/ElenyG\\_TESE.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14413/1/ElenyG_TESE.pdf)>. Acesso em agosto de 2023.

LACERDA C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cadernos CEDES, 199460, 68-80. 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/?lang=pt>>. Acessado em: agosto de 2023.

POKER, R. B. **Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez**. Libras a distância. UNESP. Módulo II: teórico. Marília/SP, 2011. Disponível em <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec\\_texto2.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf)> Acesso em: agosto de 2023.

QUADROS, R M; PERLIN, G (Org.). **Estudos Surdos II**. 1ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007. V.1. 267p.

RAMOS, C R. **Libras: a Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros**. RJ: Arara Azul-2004. Disponível em <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>>. Acesso em: Agosto de 2023.

SILVA, E. F. A. da S. **ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS SURDAS NO DESENVOLVIMENTO DE CAMPINA GRANDE-PB** [manuscrito]. Dissertação de Mestrado pela UEPB. 2019.

STROBEL, K L. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

STROBEL, K.L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

STROBEL, K. L. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.